

ESTUDO ENUNCIATIVO DAS DESIGNAÇÕES DA PALAVRA *VAGINA* EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE A ANATOMIA FEMININA

Pamella Opsfelder de ALMEIDA

Orientadora: Mônica Graciela Zoppi-Fontana

RESUMO: Embasando-se na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2017, 2018), este artigo se propõe a analisar as reescrituras da palavra *vagina* nos enunciados de cinco textos disponíveis na internet que se pretendem informativos sobre a anatomia feminina. Por meio da contextualização histórica de Laqueur (2001) e das noções de Foucault (2002) a respeito do poder de dominação do discurso, verifica-se que as reescrituras da palavra *vagina* remetem a uma história de enunciação da indistinção semântica, que, no *corpus*, caracteriza-se pela interdição dessa palavra, referida por metáforas e eufemismos. Além disso, observa-se que essas reescrituras tendem a totalizar ou condensar os órgãos genitais femininos na palavra *vagina*, de modo a transferir para ela propriedades de outros órgãos, como o clitóris, de maneira a subordinar o prazer sexual da mulher ao estímulo vaginal e, assim, pedagogizar a sexualidade feminina.

Palavras-chave: Semântica; Designação; Sexualidade feminina; Gênero.

INTRODUÇÃO

Nas ciências biológicas, o termo *vagina* é utilizado anatomicamente para descrever o canal que liga o colo do útero à vulva. Contudo, no uso comum, essa palavra é muitas vezes utilizada para se referir à genitália externa feminina, sendo usada como sinônimo de vulva ou do conjunto vulva e canal vaginal, inclusive em textos de divulgação científica ou que se propõem informativos. Nesses textos, a palavra *vagina* possui *designações* diversas daquelas que se esperaria encontrar baseando-se na terminologia médica. Esse deslizamento de sentidos existe porque a *designação* se dá na enunciação, no ato de enunciar, e não por uma relação preexistente de sentido entre uma palavra e o real.

Nos estudos enunciativos, em especial na *Semântica do Acontecimento* de Eduardo Guimarães, “o sentido de uma expressão pode ser analisado como seu modo de integração num enunciado, enquanto elemento de um texto” (GUIMARÃES, 2017, p. 35). Dessa forma, determinar a *designação* de uma palavra é compreender seu sentido em um enunciado, que por sua vez faz parte de um texto. Dotado de uma consistência interna e de independência relativa, o enunciado é então tomado como unidade de análise linguística. Além de eleger o enunciado como unidade de análise, a Semântica do Acontecimento também considera central para o estudo da designação a observação dos dois modos

de relação enunciativa, ou seja, de relação entre palavras na enunciação: a relação por articulação e a relação por reescrituração, ambos descritos por Guimarães (2018).

Este artigo dedica-se à análise das relações de reescrituração presentes nos enunciados que constituem o *corpus*, textos disponíveis na internet que se pretendem disseminadores de conhecimento. Segundo Guimarães (2018), “a reescrituração é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2018, p. 85). Nessa perspectiva teórica, a operação de reescrituração representa as retomadas de uma palavra ao longo de um enunciado ou texto, os redizeres e reformulares por meio dos quais essa palavra é referida. Nesse contexto, o termo *reescriturado* é aquele que passa pela reescrituração, enquanto que o termo *reescriturante* é aquele que o reescreve, predicando-o. Essa atribuição de sentido acontece porque, “ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2017, p. 38). Desse modo, analisar a designação de uma palavra é observar como sua presença no texto, que ocorre principalmente por meio dos procedimentos de reescrituração, constitui predicacões por sobre a segmentalidade textual.

Ainda na teoria de Guimarães (2018), “a reescrituração pode ser por *repetição*, *substituição*, *elipse*, *expansão* e *condensação*” (GUIMARÃES, 2018, p. 87). Podendo ter o sentido de sinonímia ou hiperonímia, a reescrituração por *repetição* ocorre pelo aparecimento repetitivo de uma palavra em um enunciado ou texto. Já as reescriturações por *substituição* e *elipse* ocorrem principalmente por anáfora, com sentido de especificação ou definição. Já as reescriturações por *expansão* e *condensação* tem em comum o sentido de generalização que podem produzir, embora a expansão possa também se dar pelo desenvolvimento ou enumeração, enquanto que a condensação produz o sentido de totalização.

Seguindo a metodologia apresentada por Guimarães (2018), o *recorte*¹, fragmento do acontecimento da enunciação, será utilizado como unidade discursiva, conforme a definição de Eni Orlandi (1984). Dessa forma, os recortes analisados serão introduzidos por [Rx], onde x representa o número do recorte. Além disso, esses recortes serão selecionados dos enunciados do *corpus* da pesquisa, constituído de cinco textos disponíveis na internet que se pretendem informativos sobre a *vagina*. Esses textos são: *10 COISAS QUE VOCÊ AINDA NÃO SABIA SOBRE A SUA VAGINA*, da Fatos Desconhecidos, site de curiosidades, publicado em 2016; *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*, publicado em 2018 na Revista Capricho, direcionada ao público feminino adolescente; *A vagina como ela é*, publicado em 2015 na Revista Galileu, especializada em divulgação

¹ Nesses recortes, a utilização do negrito se dá da mesma forma que nas matérias originais, de forma a realçar os títulos dos tópicos textuais. O itálico, no entanto, é utilizado pela autora de forma a destacar a palavra *vagina* e suas reescriturações, de forma a facilitar a visualização desses termos.

científica; *Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber*, publicado em 2018 pela Revista Cosmopolitan; e *Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina*, publicado em 2017 no site M de Mulher, portal brasileiro da Editora Abril direcionado ao público feminino.

Considerando essa seleção de textos, procura-se verificar quais são as reescrituras da palavra *vagina* que mais se repetem no *corpus*, classificando-as e exemplificando-as conforme as categorias propostas por Guimarães (2018). Uma vez que cada um dos cinco textos selecionados apresenta variados enunciados e recortes para análise, será realizada a relação desses textos, de forma a verificar quais são os tipos de reescrituras da palavra *vagina* com maior prevalência no *corpus*, assim como quais são os termos reescriturantes mais utilizados nessas operações. Dessa forma, pretende-se esboçar um panorama geral para compreender como os sentidos dessa palavra nos textos estudados constroem significados e discursos a respeito da sexualidade feminina.

1. ANÁLISE

No decorrer dos textos, a palavra *vagina* é repetidamente reescriturada, já que é o principal objeto do dizer dos enunciados que constituem o *corpus*. Dessa maneira, separou-se as reescrituras pela classificação proposta por Guimarães (2018), exemplificando as ocorrências de cada tipo.

Reescrituração por *repetição*

Nesse tipo de reescrituração, os termos reescriturado e reescriturante são iguais, como é possível observar nos recortes 1 a 5, que mostram reescrituras da palavra *vagina* em cada um dos textos analisados:

[R1] **Quando a *vagina* para de se desenvolver?** (recorte extraído da Revista Capricho).

[R2] **No pênis existem 4 mil terminações nervosas, na *vagina* existem 8 mil**
O clitóris realmente tem muito mais terminações sensoriais que o órgão sexual masculino (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R3] **A *vagina* tem mais terminações nervosas que o pênis**
Essas terminações nervosas estão no clitóris e são cerca de 8 mil. O pênis tem 4 mil terminações nervosas (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R4] A maioria das terminações nervosas responsáveis pela sensação de prazer encontra-se no início da *vagina* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R5] Galeno dizia que a *vagina* era um pênis invertido (recorte extraído da Revista Galileu).

Nos recortes 2 e 3, verifica-se que apesar de a palavra reescriturada por repetição ser *vagina*, é clara a referência ao clitóris. As *8 mil terminações nervosas* do clitóris são atribuídas à vagina nos títulos, mas rapidamente deslocadas para o clitóris no corpo do texto. Há inclusive a reescrituração por substituição de *vagina* por *clitóris* no recorte 2. Além disso, em ambos os recortes 2 e 3, há a relação de comparação e oposição entre vagina/clitóris e o pênis, reescrito no recorte 2 como *o órgão sexual masculino*.

Já no recorte 5, há a descrição da interpretação médica da vagina como um pênis invertido, ideia que se manteve por séculos como um dos modelos mais bem aceitos de anatomia reprodutiva. Dessa forma, observa-se que essa reescrituração de vagina por repetição, seguida pela sua reescrituração por definição como *um pênis invertido*, apresentam um recorte do passado como memorável. Segundo Guimarães (2017) “o passado no acontecimento é uma rememoração de enunciações por ele recortada, fragmentos do passado por ele representados como o seu passado” (GUIMARÃES, 2017, p. 20). Na enunciação, o acontecimento da linguagem temporaliza, ou seja, cria seu próprio presente, abre uma latência de futuro e recorta um passado. No recorte 5, o passado rememorado, o passado escolhido como representante, é a significação da vagina como pênis invertido feito por Galeno.

Nesse sentido, a nomeação dos genitais femininos a partir dos masculinos faz parte da *história de enunciação* da palavra *vagina*. Em outras palavras, por mais que o sentido de uma palavra se dê no acontecimento da enunciação, é preciso considerar que esse sentido é de alguma forma “dirigido” pelas enunciações anteriores. Na análise histórica e antropológica de *Inventando o sexo*, Laqueur (2001) traça a história das crenças ocidentais a respeito do sexo biológico, e, por meio da leitura de sua obra é possível compreender um pouco da história de enunciação da palavra *vagina*.

Segundo os estudos de Laqueur (2001), por volta do século II d.C. Galeno desenvolveu um modelo dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, no qual “demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa” (LAQUEUR, 2001, p. 16). A vagina, nesse esquema que teve vigor até aproximadamente o século XVII, seria um pênis invertido, no interior do corpo feminino, e essa significação é rememorada pela Revista Galileu, que a toma como uma noção desatualizada dos conhecimentos biológicos. Observa-se, também, que o resgate dessa história de enunciação reforça a oposição entre pênis e vagina presente nos recortes 2 e 3.

Reescrituração por *substituição/ elipse*

A reescrituração por substituição, que denota uma relação de sinonímia ou hiperonímia entre a palavra reescriturada, *vagina*, e a reescriturante, é comum no *corpus* analisado, sendo uma das principais formas de reescrituração verificadas.

Um dos termos reescriturantes mais repetidos nos textos é *o órgão sexual feminino*, que estabelece uma relação de hiperonímia com a palavra *vagina*: considerando a *vagina* como um dos órgãos sexuais femininos, pode-se afirmar que *órgão sexual feminino* é um termo genérico e, *vagina*, mais específico. Verifica-se duas ocorrências desse termo reescriturante, com outras variantes presentes nos textos:

[R6] A vagina como ela é

Até pouco tempo, *o órgão sexual feminino* permanecia relativamente desconhecido mesmo entre médicos e cientistas (recorte extraído da Revista Galileu).

[R7] (...) algumas mulheres parecem ter um certo bloqueio quando o assunto é *o órgão sexual feminino* (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

Entretanto, também é possível interpretar a relação de reescrituração por substituição como tendo sentido de sinonímia nesse caso, uma vez que, pelas relações de articulação, os termos de *o órgão sexual feminino* relacionam-se por *dependência*. *O*, artigo definido, determina *órgão sexual feminino*, de maneira que, diferentemente de *um dos órgãos sexuais femininos*, a *vagina* torna-se “*o*” *órgão*, aquele que possui maior relevância dentre os *órgãos*, ou mesmo o único *órgão sexual feminino* reconhecido. Quando se considera que no texto da Fatos Desconhecidos, no recorte 2, a palavra *pênis* é reescriturada por *o órgão sexual masculino*, verifica-se, nesse texto, a construção discursiva de uma relação de oposição/complementação entre *pênis* e *vagina*, destacando-se também a proeminência do artigo *o* como determinante. Dessa maneira, o discurso que se tece de maneira geral no *corpus* é o de que existem dois *órgãos sexuais*: o feminino, a *vagina* (que evoca as características fisiológicas do clitóris), e o masculino, o *pênis*.

Outro tipo de reescrituração por substituição, que pode ser considerado um eufemismo, é aquele que remete à palavra *região* para se referir à *vagina*:

[R8] COSMO preparou um guia para ajudá-la a conhecer *essa região nobre da sua anatomia* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R9] *A região genital* contém um grande número de terminações nervosas (recorte extraído da Revista Galileu).

[R10] Examinar *a região genital*, pelo menos de três em três meses, é uma ótima maneira de conhecer melhor *o corpo* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R11] Agora, se o líquido estiver esverdeado ou amarelado, tiver com cheiro forte, e em, alguns casos, for acompanhado de coceira ou ardência *na região íntima*, marque uma consulta no ginecologista (recorte extraído da Revista Capricho).

Nesses casos de reescrituração por substituição, verifica-se um apagamento da palavra *vagina*; ela é reescriturada por *a região genital* e *a região íntima*, termos que fazem referência ao aparelho reprodutivo mas que são imprecisos, sem muita distinção de suas partes. Ainda nessa imprecisão que engloba outras partes da anatomia, a palavra *vagina* é por vezes reescriturada por expressões que fazem referência a todo o corpo humano, como é possível observar nos seguintes exemplos:

[R12] Na verdade, a vagina é *uma parte do corpo com a qual você convive diariamente, mas com certeza não conhece por completo* (recorte extraído da Revista Capricho).

[R13] Realmente falar de vagina é uma coisa muito complicada (...). Mas vocês concordam que todo mundo deveria saber tudo sobre *seu corpo*? Conhecer *nosso próprio corpo* pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, principalmente para os homens (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R14] Reconhecer a vagina como *uma parte do corpo tão importante quanto o rosto* ajuda a melhorar a higiene, a saúde e o prazer sexual (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R15] E essa falta de intimidade com *o próprio corpo* tem consequências perigosas (recorte extraído da Revista Galileu).

Verifica-se, dessa forma, uma reiteração de que a vagina faz parte do corpo humano, de igual importância às outras partes da anatomia e que, portanto, deve ser observada, higienizada e medicada como tal. Esse tipo de substituição predica sentidos sobre a palavra *vagina* de maneira a torná-la mais anatômica, parte de algo maior, do *corpo*. Nessa mesma linha de reescrituração por substituição da vagina por uma dimensão anatômica a qual ela integra, encontram-se termos como *nosso aparelho genital*, *seus órgãos genitais* e *seu sistema reprodutor*, que reescrituram *vagina* no texto da Revista Galileu. Observa-se, portanto, uma relação metonímica da parte pelo todo entre a palavra *vagina* e as regiões do corpo que se apresentam como suas substitutas. A parte (vagina) é reescriturada pelo todo (sistema reprodutor e corpo).

Outro termo *reescriturante* que se repete nos textos é o pronome pessoal *ela*, utilizado para não se repetir a palavra *vagina*. Exemplos dessas ocorrências são listados a seguir, já que esse tipo de substituição ocorre de maneira sistemática no *corpus*.

[R16] Por isso, montamos um manual com as informações e curiosidades importantes sobre “*ela*” (recorte extraído da Revista Capricho).

[R17] Se você se sente muito incomodada com a aparência *dela*, saiba que existem cirurgias capazes de criar nova aparência *a vagina* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R18] A maioria também prefere recorrer a apelidos quando precisa se referir a *ela* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

Observa-se que, no recorte 16, a palavra *ela* aparece entre aspas. O emprego desse sinal de pontuação para se referir à vagina acontece outras vezes no *corpus*. Nos recortes 19, 20 e 21, é possível verificar a presença das aspas, que destacam as reescrituras de *vagina*, reafirmando a existência de um tabu a respeito da sexualidade feminina.

[R19] Embora seja comum chamar *tudo que está ~ lá embaixo ~* de vagina, ela é apenas uma parte da genitália (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R20] *Nossa “amiga”* produz uma acidez natural que a protege contra microrganismos (recorte extraído da Revista Capricho).

[R21] A vagina é um espaço fixo que não tem continuação, então você não pode perder permanentemente algo “*lá dentro*” (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

Apesar da afirmação de que a vagina é *uma parte do corpo com a qual você convive diariamente, o próprio corpo* da mulher, as reescrituras entre aspas revelam que ela não é referida como tal, e também não é aceita com naturalidade: é preciso destacá-la, tratá-la com ar de curiosidade, humor ou até espanto.

Reescriturada por termos destacados por aspas, a palavra *vagina* também é por vezes implícita, não sendo referida por nenhuma materialidade linguística do enunciado. Isso acontece quando a reescritura se dá por *elipse*. Descrita na mesma categoria que a reescritura por substituição, a reescritura por *elipse* também ocorre várias vezes no *corpus* estudado, na qual a palavra *vagina*, já mencionada antes, fica implícita. Essa reescritura ocorre principalmente nos subtítulos das listas elaboradas nos textos, elencando curiosidades a respeito da *vagina*, mas sem citá-la diretamente. Nos recortes a seguir, verifica-se a *elipse* dessa palavra:

[R22] **2. Existem vários tipos e tamanhos?** (recorte extraído da Revista Capricho)

[R23] **2. Preste atenção no comezinho** (recorte extraído da Revista Cosmopolitan)

[R24] **7. Adora um espelho!** (recorte extraído da Revista Cosmopolitan)

[R25] **19. Dá para fazer plástica** (recorte extraído da Revista Cosmopolitan)

Esse tipo de reescrituração pode construir um sentido de apagamento da palavra reescriturada. Hipotetiza-se que esse apagamento se dê não só porque existem convenções textuais que pregam pela não repetição de palavras, mas também porque a sexualidade, especialmente a feminina, é considerada um objeto de tabu social. Na teoria foucaultiana, a interdição dessa palavra, reescriturada de variadas maneiras, mostra-se como procedimento de exclusão. Nas palavras de Foucault, “é claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito” (FOUCAULT, 2002, p. 2).

Dessa maneira, por mais que a palavra *vagina* seja mencionada nos títulos dos textos, verifica-se que, por procedimentos de reescrituração por substituição e elipse, essa palavra não está tão presente na materialidade linguística e, quando isso ocorre, por vezes é imediatamente reescriturada por outras palavras às quais realmente se está referindo – no caso dos recortes 2 e 3, o clitóris.

Reescrituração por *expansão*

A reescrituração por expansão pode acontecer de várias formas, incluindo desenvolvimento e definição. Relações de definição são também comuns no *corpus* analisado devido à filiação do gênero à divulgação científica, que frequentemente define seus objetos de estudo. Dessa forma, os recortes de 26 a 29 ilustram alguns casos de reescrituração por expansão e, mais especificamente, definição no *corpus*:

[R26] (...) a vagina não é apenas um órgão sexual, mas *um mediador poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino* (recorte extraído da Revista Galileu).

[R27] A vagina é *um espaço fixo que não tem continuação* (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R28] Ela é *apenas uma parte da genitália, é o canal que vai da vulva (a parte externa que inclui os pequenos e grandes lábios, o clitóris e o períneo) até o cérvix (a porção inferior do útero)* (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R29] A vagina é *que nem a impressão digital*, pode até ser meio parecida entre algumas pessoas, mas cada uma terá o seu próprio formato, seu próprio desenho (recorte extraído do portal M de Mulher).

Nessas reescriturações por expansão, define-se o que é uma vagina nos textos analisados. Apenas o recorte 28 apresenta uma definição comprometida com os conhecimentos biológicos; os recortes 26, 27 e 29 definem vagina por meio da metáfora do medidor da confiança e criatividade da mulher, no recorte 26, pela comparação com a impressão digital, no recorte 29, e pela informação imprecisa do recorte 27. Nesse último recorte, a vagina torna-se um *espaço*, assemelhando-se às reescriturações por substituição de 8 a 11, que apresentam a vagina como uma *região íntima* ou *genital*.

Reescrituração por *condensação*

O sentido de globalização ou totalização, evocado na reescrituração por condensação, aparece poucas vezes no *corpus* e é construído, nos recortes 30 e 31, pela utilização da palavra *tudo*, que determina mas também é determinada pela palavra *vagina*:

[R30] Embora seja comum chamar *tudo que está ~ lá embaixo ~* de vagina, ela é apenas uma parte da genitália (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R31] De toda forma, popularmente *tudo* é vagina, e não tem nada de errado em manter a nomenclatura (recorte extraído do portal M de Mulher).

No recorte 30, *tudo que está ~ lá embaixo ~* totaliza *vagina*, de maneira a adotar uma indistinção entre as partes da genitália feminina; em conjunto, e sem muita precisão, elas se tornam *tudo que está ~ lá embaixo ~*, em uma massa amorfa e não nomeada. A referência de *~ lá embaixo ~* também é ambígua. Em casos de reescrituração por condensação, afirma Guimarães (2018), “o totalizador/globalizador determina as partes totalizadas; esta determinação do globalizador/totalizador sobre as partes totalizadas também se dá, no sentido inverso, por *enumeração*” (GUIMARÃES, 2018, p. 91). Dessa maneira, *tudo que está ~ lá embaixo ~* determina *vagina* e vice-versa, de forma que *tudo que está ~ lá embaixo ~* pode ser chamado de *vagina*, e o canal vaginal (sentido biológico de vagina) pode representar, por totalização, *tudo que está ~ lá embaixo ~*.

Essa mútua determinação é reafirmada no recorte 31, no qual se defende que *tudo é vagina*, e essa nomenclatura não traz consequências, ainda que incompatível com as terminologias biológicas. Em suma, o enunciado do recorte 31 defende que a denominação não importa, o que pode ser interpretado como uma reafirmação da *história de enunciação* da anatomia feminina na sociedade ocidental, que, conforme remontada por Laqueur (2001) em *Inventando o sexo*, raramente se importou com a precisão biológica para tecer discursos sobre o sexo e o gênero.

Segundo Laqueur (2001), no modelo de sexo único adotado pelos gregos, a precisão anatômica não importava, ou era sistematicamente ignorada; a denominação das partes do sistema reprodutor feminino não era relevante, já que a mulher em si não existia: tratava-se de um homem invertido, com os órgãos voltados para dentro, de forma que não era preciso fazer uma distinção clara entre os termos usados para designar as partes do aparelho reprodutor feminino do masculino. Assim como no passado se utilizava de “partes pudendas” para se referir ao aparelho reprodutor feminino de forma geral, não específica, o texto publicado no portal M de Mulher faz uso das expressões *tudo* e *tudo que está ~ lá embaixo ~* para se referir a partes anatômicas diversas, totalizadas sob o termo reescriturante/reescriturado *vagina*.

O caso das metáforas e eufemismos

Durante os textos, a palavra *vagina* é muitas vezes reescriturada por metáforas ou eufemismos diversos, que não remetem imediatamente aos órgãos sexuais femininos. Um exemplo de caso de reescrituração eufêmica é o tratamento da *vagina* como um ser animado, até mesmo humano. Nas revistas *Capricho* e *Cosmopolitan*, essa personificação se dá por meio da associação da vagina a uma amiga da leitora projetada pelos redatores, como se pode perceber nos recortes 32 a 34:

[R32] Confira essas e outras curiosidades sobre *uma de suas melhores amigas!* ;) (recorte extraído da Revista *Capricho*)

[R33] *Nossa “amiga”* produz uma acidez natural que a protege contra microrganismos (recorte extraído da Revista *Capricho*).

[R34] Assim, vai ficar mais fácil cuidar de *quem te proporciona tanto prazer* (recorte extraído da Revista *Cosmopolitan*).

Nesse sentido, *vagina* é reescriturado por *uma de suas melhores amigas!*, no recorte 32, por *nossa “amiga”* no recorte 33 e por *quem te proporciona tanto prazer*, no recorte 34. Nesse último caso, o pronome *quem* denota pessoa, e não objeto; assim, a *vagina* passa a ser a personificada – não algo *de que* se fala, mas alguém *de quem* se fala. Nesses casos, pode-se considerar que ocorreram reescriturações por substituição, com *vagina* sendo sinônimo de uma amiga, alguém que proporciona muito prazer à mulher. Nesse caso, verifica-se que tratam-se de recortes extraídos de duas revistas direcionadas ao público feminino, *Capricho* e *Cosmopolitan*. A Revista *Capricho*, em especial, possui um público-alvo adolescente, de forma que a reescrituração de *vagina* por *nossa “amiga”* e *uma de suas melhores amigas* pode ser uma estratégia para aproximação com a leitora juvenil.

Outros eufemismos foram identificados no texto pertencente à Revista *Galileu*, que, de maneira típica da divulgação científica, tenta trazer o assunto de maneira palatável a seus leitores, projetados como um homem que “não vai querer ficar de fora – sem duplo sentido” dos novos conhecimentos a respeito da vagina e, como fica implícito, da própria vagina. Dessa maneira, ela é reescriturada pelas expressões *aquela cujo nome não se fala*, *as coisas* e *a pinky*, como se pode observar nos recortes de 35 a 37:

[R35] *AQUELA CUJO NOME NÃO SE FALA* > *A vagina* tem mais de 4 mil apelidos (des)conhecidos (recorte extraído da Revista *Galileu*).

[R36] O CÉREBRO E A *PINKY*

Entenda como o estímulo *na genitália* resulta na liberação de hormônios (recorte extraído da Revista Galileu).

[R37] “O fato de não nos tocarmos, de não sabermos onde *as coisas* ficam, de ser considerado feio ou deselegante que nossas mãos toquem *a vulva*, tudo isso reprime e impede o autoconhecimento” (recorte extraído da Revista Galileu).

Esses três termos reescriturantes permitem referir-se à vagina sem referir-se necessariamente a termos relacionados à anatomia, e constituem-se como reescrituras por substituição: substitui-se, como sinônimo, a palavra *vagina* por metáforas. O termo reescriturante *aquela cujo nome não se fala* faz um comentário à essa aversão à utilização da palavra *vagina*, também advertendo o uso do termo em si. *A pinky* reescreve *vagina* por meio de uma de suas características social e culturalmente atribuídas: o padrão estético dita que a vulva seja rosada, e, obedecendo a essa preconcepção de coloração, a reescritura reafirma o padrão imposto às mulheres.

Diferentemente das reescrituras de *vagina* como uma amiga da leitora, utilizadas pelas Revistas Capricho e Cosmopolitan, observa-se, No caso da Revista Galileu, um distanciamento do universo feminino, já que o público-alvo, conforme estabelecido pela expressão humorística no início do texto, é masculino. Assim, a reescritura de *vagina* por *a pinky* pode ser compreendida como uma interpretação dos genitais femininos que evoca o olhar masculino sobre o corpo da mulher. Nesse sentido, essa reescritura não afirma a autonomia da sexualidade feminina; pelo contrário, submete-a à padronização estética de um desejo masculino.

De maneira semelhante, outra forma de designar a vagina sem fazer referência à sexualidade feminina são as reescrituras metafóricas que a tratam como um *lugar*, por meio do emprego de locuções adverbiais como termos reescriturantes, como exemplificado nos recortes de 38 a 40:

[R38] Pode estar rolando uma infecção causada por fungos *por aí!* (recorte extraído da Revista Capricho).

[R39] A vagina é um espaço fixo que não tem continuação, então você não pode perder permanentemente algo “*lá dentro*” (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R40] Se está tudo bem *lá embaixo*, continue usando o seu de costume (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

Há uma semelhança entre as locuções adverbiais reescriturantes e as expressões que usam a palavra *região* para reescrever *vagina*, nos recortes 9 a 11; entretanto, as expressões de *região* geralmente são acompanhadas de palavras como *íntima* e *genital*,

o que demarcam sua relação com a sexualidade, enquanto que locuções como *por aí*, “*lá dentro*” e *lá embaixo* não expressam diretamente essa relação na materialidade de seu texto, produzindo, portanto, eufemismos para a palavra *vagina*.

Análise das reescrituras em dois recortes do *corpus*

Por fim, serão analisados dois recortes, 41 e 42, que constituem tópicos completos nos enunciados do *corpus* dos quais foram retirados.

[R41] **Quais são as regiões que dão mais prazer?**

Muitas! Então, vamos por partes. O famoso clitóris é a parte mais sensível da região íntima. “Ele fica do lado externo, como se fosse um botãozinho logo no início da vulva, onde os lábios internos formam um V invertido”, explica a sexóloga Rosa Villela. A função do clitóris é dar prazer à mulher e possibilitar que ela chegue ao orgasmo. Por ficar do lado de fora, também é a parte mais fácil de estimular. Vamos imaginar que a vagina é um bolo e que o clitóris seja a cereja dele. Mas vale destacar que clitóris e Ponto G são coisas diferentes, ok? E, de acordo com o psicoterapeuta Oswaldo Rodrigues, apenas uma a cada três mulheres reconhece esta área misteriosa. (recorte extraído da Revista Capricho).

No título do recorte, identifica-se uma reescritura por elipse, já que o termo *da vagina* está implícito; o título do texto, publicado na Revista Capricho, é *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*, do que se depreende que as regiões das quais se fala são *regiões da vagina*. Em seguida, tem-se a reescritura por expansão (e, mais especificamente por definição) de *clitóris* por *a parte mais sensível da região íntima*. Entretanto, *a região* à qual se refere é a vagina, de forma que o clitóris passa a ser designado como uma parte da vagina, que, na literatura médica, é o canal que liga a vulva ao colo do útero. Logo, o clitóris torna-se, discursivamente, parte do canal vaginal.

Na *história de enunciação* da palavra *clitóris*, há registros da utilização do termo como uma parte do útero. Segundo Laqueur (2001), em *Anatomica*, de Renaldus Colombo, moderno “descobridor” do clitóris em 1559, este é referido como “essa mesma parte do útero” (LAQUEUR, 2001, p. 121). Desse modo, assim como foi apontado nas reescrituras por condensação pelo termo reescriturante *tudo*, transparece a despreocupação dos textos analisados com a terminologia. Isso ocorre, no recorte 41, por meio de uma reescritura por definição de *clitóris* que provoca, no discurso, a fusão das partes externa e interna do aparelho reprodutor feminino, do clitóris com a vagina.

Clitóris então é reescriturado pelas expressões *um botãozinho logo no início da vulva* e *a parte mais fácil de estimular*; sendo a primeira reescritura uma metáfora, e, a

segunda, uma metonímia. No segundo caso, o termo reescriturante se inicia com *a parte*, verificando-se que ainda se trata de uma parte da *vagina*. Portanto, estabelece-se uma relação metonímica entre clitóris e vagina: o clitóris é reescriturado como sendo *parte da vagina*. Nesse sentido, se o *clitóris* é a *parte*, a *vagina* passa a ser o todo.

A relação entre clitóris e vagina tecida nessa enunciação é sustentada pela reescrituração por expansão e, mais especificamente, por definição, de *vagina* por *um bolo* e de *clitóris* por *a cereja dele*, no trecho *Vamos imaginar que a vagina é um bolo e que o clitóris seja a cereja dele*. O clitóris, metaforicamente, é o análogo da cereja; assim como cereja é o diferencial do bolo, sua parte especial, o clitóris é *a parte mais sensível da região íntima*, porém também é hierarquicamente subordinada à vagina: não existe cereja do bolo sem bolo, assim como, no recorte 41, não existe clitóris sem vagina, o que, novamente, subordina também a sexualidade feminina à sexualidade vaginal. Também é possível relacionar os processos metonímico e metafórico por meio da imagem do botão, já que *botãozinho* evoca o sentido de um dispositivo automático, que, se pressionado, traz o prazer imediato à mulher, já que é *a parte mais sensível* da vagina.

Por fim, a palavra *clitóris* é reescriturada por substituição pela expressão *esta área misteriosa*, expressão que, de maneira semelhante às reescriturações de vagina por *a região genital*, *a região íntima*, *por aí*, *“lá dentro”* e *lá embaixo*, consideram dessa vez o clitóris como um *lugar* no corpo da mulher.

[R42] O clitóris é o anjo da guarda dela

Essa pérola do prazer ainda cuida para que a penetração não seja dolorosa nem cause fissuras no canal vaginal. Catherine Blackedge, autora do livro *A História da V – Abrindo a Caixa de Pandora* (Degustar), diz que, quando o clitóris é estimulado, ocorre um aumento de fluxo sanguíneo na região, sobretudo na vagina. Assim, ela aumenta de tamanho e fica lubrificada, no ponto para ser penetrada de um jeito gostoso e seguro (recorte extraído da Revista *Cosmopolitan*).

As metáforas aparecem novamente, no recorte 42, como reescriturações, dessa vez da palavra *clitóris*, reescriturada no título por substituição pela expressão *o anjo da guarda dela [da vagina]*. Dessa forma, cria-se uma relação de determinação entre *clitóris* e *vagina*, sendo o primeiro *o anjo da guarda* da segunda, aquele que a protege. Em seguida, clitóris é reescriturado pela expressão *essa pérola do prazer*, ainda por substituição. Observa-se que, apesar do termo reescriturante considerar o clitóris como relacionado ao prazer, ele é predicado com a função de garantir que *a penetração não seja dolorosa nem cause fissuras no canal vaginal*. Desse modo, afirma-se que o clitóris é *o anjo da guarda* da vagina e cuida para que ela possa ser penetrada – o prazer feminino aparece na reescrituração, mas de maneira secundária.

Nesse trecho, a palavra *vagina* é reescrita, também por substituição, por *canal vaginal*, por *V* e por *a Caixa de Pandora* em *A História da V – Abrindo a Caixa de Pandora*. A reescrituração de *vagina* por *a V* no título do livro citado pode ser considerado como um caso de interdição, uma vez que a palavra não é integralmente escrita, apenas sugerida. Em seguida, por repetição, *o clitóris* é reescriturado no enunciado. Na frase *quando o clitóris é estimulado, ocorre um aumento de fluxo sanguíneo na região, sobretudo na vagina, a região* é um termo reescriturante de referência ambígua, já que ela parece se referir ao clitóris, que é o órgão que, anatomicamente, possui o maior aumento de fluxo sanguíneo durante a excitação, mas também parece englobar a vagina. Dessa forma, pode-se supor que *a região* refere-se de maneira vaga à *região genital* como um todo. Na sequência, *vagina* é reescriturada por substituição por *ela*.

Conforme a análise de suas relações de reescrituração, é possível observar que o recorte 42 argumenta que a finalidade do clitóris é deixar a vagina *no ponto para ser penetrada de um jeito gostoso e seguro*, fazendo referências ambíguas ao funcionamento fisiológico da excitação sexual feminina e propondo que a existência do clitóris está subordinada à proteção da vagina.

Nesse sentido, verifica-se que as reescriturações que colocam *clitóris* e *vagina* em relação de determinação são abundantes no *corpus*. Nos recortes 41 e 42, observa-se que o clitóris nunca é definido da mesma forma que a vagina; ele é recoberto por metáforas como *o anjo da guarda dela [da vagina]*, *essa pérola do prazer*, *a cereja do bolo [da vagina]*, *um botãozinho*, e *esta área misteriosa*, não possuindo uma reescrituração por expansão caracterizada como definição, o que ocorre com vagina em outras partes do *corpus*. Nesses textos, o clitóris parece existir como uma extensão da vagina – ou do útero, como queria Renaldus Colombo (LAQUEUR, 2001). Ele não existe em si mesmo, e serve como um “ajudante” da vagina – *seu anjo da guarda* –, permitindo que o canal vaginal seja mais facilmente penetrado pelo homem. Provocando a excitação sexual e o prazer da mulher, ele é o meio pelo qual se atinge um fim: a relação sexual com penetração do pênis no corpo feminino.

Dessa forma, conforme sugerido pela análise das reescriturações da palavra *vagina* – e da palavra *clitóris*, associada a ela –, as relações sexuais são concebidas como relações de penetração do pênis na vagina. Isso é perceptível tanto pelas oposições entre *pênis* e *vagina*, reescritos respectivamente como *o órgão sexual masculino* e *o órgão sexual feminino*, que sugerem uma relação de oposição e complementaridade entre os órgãos, quanto pelas indistinções terminológicas, que fundem clitóris e vagina, subordinando o primeiro à segunda e fazendo dele um veículo de aumento do tamanho da lubrificação e da penetrabilidade vaginais.

2. CONCLUSÕES

Conforme as análises, é possível estabelecer que, no *corpus*, as reescrituras da palavra *vagina* ocorrem em grande quantidade, por vezes com várias utilizações desse tipo de relação na mesma frase. Verificou-se também que os cinco textos constituintes do *corpus* apresentam, em seus enunciados, reescrituras semelhantes da palavra *vagina*, de forma que é possível concluir que existe consistência semântica na designação dessa palavra. Além disso, observou-se que as reescrituras por substituição são muito produtivas nos textos analisados, abrangendo a maior parte dos casos, enquanto que as reescrituras por repetição, expansão e condensação ocorrem em menor escala.

Nas reescrituras, verificou-se a reiteração de que a vagina faz parte do corpo humano e, portanto, não deveria haver interditos quanto à enunciação da palavra que designa essa parte. Contudo, os próprios textos que defendem essa noção utilizam-se de metáforas distantes e eufemismos ao invés de utilizar o termo em si. A Revista Galileu, conhecida por seu trabalho em divulgação científica, afirma a necessidade de reconhecimento da vagina como uma parte do corpo como todas as outras, porém se refere a ela por *a pinky*, *as coisas* e *aquela cujo nome não se fala*, sendo esta última uma reescritura que explicita o tabu linguístico e a interdição ao nomear na enunciação.

A reescritura de vagina por *pinky*, em específico, reafirma um padrão estético e que coloca os genitais femininos como um objeto do desejo masculino; eles devem ser rosados, no senso comum, porque essa é a cor que mais agradaria aos homens – ainda que não seja explícito, o discurso existe, e é reiterado quando uma cor (por exclusão das demais) é eleita para representar todas as genitálias femininas. Nesse sentido, a reescritura de *vagina* por *pinky* evoca uma determinação estética e também racial, pois, no imaginário coletivo, a cor rosada dos genitais está associada às mulheres brancas, marginalizando, assim, as mulheres negras.

Além disso, as reescrituras mostraram uma inconsistência nas terminologias utilizadas pelos textos; no recorte 30, extraído do portal M de Mulher, *vagina é tudo que está ~ lá embaixo*. Ainda segundo esse mesmo portal, *tudo é vagina, e não tem nada de errado em manter a nomenclatura*. Entretanto, essa afirmação desconsidera que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 2002, p. 2). Portanto, a maneira como se designa determinadas partes do corpo não é referir a realidade, é criá-la, recortá-la e dominá-la pela linguagem.

Considerando esse poder de (re)criar a realidade que a linguagem possui, observa-se que muitos dos termos reescriturantes utilizados para a reescritura das palavras *vagina* e *clitóris*, relacionadas a todo o tempo no *corpus*, são relacionadas à feminilidade. A palavra vagina é reescriturada por termos como “*ela*”, *nossa “amiga”*, *a pinky*, e *bolo*,

enquanto que a palavra clitóris tem como termos reescriturantes *o anjo da guarda [da vagina], um botãozinho, essa pérola do prazer, e a cereja [do bolo]*. Diferentemente dos termos usualmente utilizados para reescrever o pênis, ao qual clitóris e principalmente vagina são contrapostos, essas expressões não predicam sentidos relacionados ao poder ou à sexualidade ativa.

Tratam-se de eufemismos relacionados aos estereótipos de feminilidade: a vagina passa a ser uma “*amiga*” das mulheres, um *bolo*, na Revista Capricho, e a *pinky* (o que se traduz livremente por *rosada*), na Revista Galileu. Dessa forma, esses três termos que reescreveram *vagina* são considerados aprazíveis – o bolo é doce e comestível, o rosado é considerado estética e sexualmente atraente e a amiga é uma espécie de confidente. *Clitóris*, por sua vez, torna-se um *anjo da guarda*, metáfora que evoca sentidos religiosos ou de pureza, passividade e resguardo, uma *pérola*, joia orgânica, que evoca sentidos estéticos de beleza e também pequenez (a pérola é pequena e esférica), e, por fim, a *cereja do bolo*, que mantém a metáfora alimentícia da doçura da vagina reescriturada como bolo e do próprio clitóris reescriturado como a pérola pequena e esférica. Outro termo reescriturante de *clitóris*, *um botãozinho*, também predica sentidos de uma forma circular e tamanho pequeno, uma vez que a palavra encontra-se no diminutivo, grau que, além de enfatizar o tamanho reduzido do botão, e, metaforicamente atribuído ao clitóris, também lhe agrega o sentido de fragilidade.

Essa atribuição de sentidos ao clitóris considerando-o uma estrutura esférica e pequena, contudo, não é condizente com as pesquisas mais recentes a respeito do órgão, que possui parte interna muito maior que a parte visível, a glândula. Dessa maneira, pode-se observar que as reescrituras dessa palavra consideram apenas a parte visível do órgão ao qual se referem, reafirmando um discurso de pequenez e de associação do clitóris a uma parte *acessória* – a dispensável cereja do bolo – do aparelho reprodutor feminino.

Dessa forma, conclui-se que as reescrituras da palavra *vagina*, no *corpus* analisado, apesar de trazer o discurso da aceitação da vagina como uma parte do corpo como qualquer outra – e de outras partes da genitália feminina, especialmente o clitóris, marginalizado na cultura ocidental desde a descoberta de que a concepção independe do prazer sexual (LAQUEUR, 2001) –, reafirma a sua posição como um objeto-tabu, ao qual é necessário se referir com aspas, por meio de metáforas e eufemismos, elipses ou termos imprecisos, amalgamando vulva e vagina sob o nome da segunda – *tudo é vagina*.

Apesar do que afirma o recorte 31, tal indistinção criada pelas reescrituras, “atribuí (predica) sentido ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2018, p.85), e estrutura discursos de pedagogização da sexualidade feminina: o clitóris serve para promover a excitação da mulher – e da vagina – para que ela possa ser penetrada. Referindo-se à política e à sexualidade, Foucault (2002) afirma que “é como se o discurso fosse um

dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, alguns dos seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2002, p. 2). Pela análise das reescrituras no *corpus*, é possível afirmar que os poderes sobre a sexualidade feminina ainda estão em curso.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. (2002). A Ordem do Discurso. Trad. Edmundo Cordeiro. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf>. Acesso em 07 de dezembro de 2018.
- GUIMARÃES, E. (2018). Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação, Pontes Editores, Campinas.
- GUIMARÃES, E. (2018). Semântica: Enunciação e sentido. Pontes Editores, Campinas.
- LAQUEUR, T. (2001). Inventando o sexo, Relume Dumara, São Paulo.
- ORLANDI, E. (1984) A Linguagem e seu Funcionamento, Pontes Editores, Campinas apud GUIMARÃES, E. (2018) Semântica: Enunciação e sentido, Pontes Editores, Campinas.

TEXTOS ANALISADOS

- BONAFÉ, M. (2018). 11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/11-segredos-e-curiosidades-sobre-a-sua-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.
- DREHMER, R. (2017). Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/curiosidades-sobre-a-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.
- GRAFF, M. (2016) 10 COISAS QUE VOCÊ AINDA NÃO SABIA SOBRE A SUA VAGINA. Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/10-coisas-que-voce-ainda-nao-sabia-sobre-sua-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.
- PATROCÍNIO, Carol. (2015). A vagina como ela é. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.
- POLO, R.; MOUHERDAUI, B. (2018). Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber. Disponível em: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/.../manual-da-vagina-21-segredos-que-voce-precisa-saber/>>. Acesso em 13 de agosto de 2018.